



Retrato idealizado de Rabelais (Frontispício original)

O TERCEIRO LIVRO
DOS FATOS E DITOS HEROICOS
DO
BOM PANTAGRUEL

COLEÇÃO CLÁSSICOS COMENTADOS

Dirigida por
João Angelo Oliva Neto
José de Paula Ramos Jr.



Editor
Plínio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Beatriz Mugayar Kühl – Gustavo Piqueira
João Angelo Oliva Neto – José de Paula Ramos Jr.
Leopoldo Bernucci – Lincoln Secco – Luís Bueno
Luiz Tatit – Marcelino Freire – Marco Lucchesi
Marcus Vinicius Mazzari – Marisa Midori Deaecto
Paulo Franchetti – Solange Fiúza
Vagner Camilo – Wander Melo Miranda



Reitor
Antonio José de Almeida Meirelles
Coordenadora Geral da Universidade
Maria Luiza Moretti



CONSELHO EDITORIAL

Presidente
Edwiges Maria Morato
Alexandre da Silva Simões – Carlos Eduardo Ornelas Berriel
Carlos Raul Etulain – Cicero Romão Resende de Araujo
Dirce Djanira Pacheco e Zan – Iara Beleli – Marco Aurélio Cremasco
Pedro Cunha de Holanda – Sávio Machado Cavalcante

O TERCEIRO LIVRO
DOS FATOS E DITOS HEROICOS
DO
BOM PANTAGRUEL

por

François Rabelais

Tradução, Introdução, Notas e Comentários

Élide Valarini Oliver

Ilustrações

Gustave Doré

Prêmio de melhor tradução

 Jabuti


Ateliê Editorial

EDITORIA UNICAMP

Copyright © 2006 Élide Valarini Oliver

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, das editoras.

1ª ed. – 2006
2ª ed. revista – 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rabelais, François, ca. 1490-1553.

O Terceiro Livro dos Fatos e Ditos Heroicos do Bom Pantagruel /
François Rabelais; tradução, introdução, notas e comentários Élide
Valarini Oliver; ilustrações Gustave Doré. – 2. ed. revista – Cotia,
SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022. –
(Coleção Clássicos Comentados)

Título original: *Le Tiers Livre des Faicts et dictz héroiques du bon
Pantagruel*

ISBN 978-65-5580-056-2 (Ateliê Editorial)
ISBN 978-85-268-1521-6 (Editora da Unicamp)

1. Ficção francesa 2. Rabelais, François, ca. 1490-1553 – Crítica
e interpretação I. Oliver, Élide Valarini. II. Doré, Gustave. III.
Título. IV. Série.

22-98242

CDD 843.09

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura francesa: História e crítica 843.09

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos reservados a

ATELIÊ EDITORIAL
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897
06709-300 – Granja Viana – Cotia – SP
Tel.: (11) 4702-5915
www.atelie.com.br | contato@atelie.com.br
facebook.com/atelieeditorial | blog.atelie.com.br
instagram.com/atelie_editorial

EDITORIA DA UNICAMP
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421
3º andar – Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br
vendas@editora.unicamp.br

Printed in Brazil
Foi feito o depósito legal
2022

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO	II
Vida e Obra de Rabelais	II
Rabelais e sua Época	19
A Sátira Rabelaisiana	21
O Estilo de Rabelais	22
O <i>Terceiro Livro</i> de Rabelais.	23
<i>O Panurge de Todos Nós</i>	25
<i>Em Torno de Rondibilis</i>	27
<i>Deus Não Joga Dados? (Em Torno do Acaso e do Juiz Bridoye)</i>	29
NOTA SOBRE A TRADUÇÃO	33

O TERCEIRO LIVRO DOS FATOS E DITOS HEROICOS DO BOM PANTAGRUEL

FRANÇOIS RABELAIS	39
PRIVILÉGIO DO REI	41
PRÓLOGO DO AUTOR	43
Capítulo I: COMO PANTAGRUEL TRANSPORTOU UMA	

COLÔNIA DE UTOPIANOS PARA A DIPSÓDIA	53
Capítulo 2: COMO PANURGE FOI FEITO CASTELÃO DE SALMIGONDIN NA DIPSÓDIA E SEMEAVA AO VENTO	57
Capítulo 3: COMO PANURGE LOUVA TODOS OS DEVEDORES E CREDORES	63
Capítulo 4: CONTINUAÇÃO DO DISCURSO DE PANURGE AO ELOGIO DOS CREDORES E DOS DEVEDORES	69
Capítulo 5: COMO PANTAGRUEL DETESTA OS DEVEDORES E OS CREDORES	75
Capítulo 6: PORQUE OS RECÉM-CASADOS ERAM ISENTOS DE IR PARA A GUERRA	79
Capítulo 7: COMO PANURGE FICOU COM A PULGA ATRÁS DA ORELHA E DESISTIU DE USAR SUA MAGNÍFICA BRAGUILHA.	83
Capítulo 8: COMO A BRAGUILHA É A PEÇA PRINCIPAL DE ARMADURA ENTRE A GENTE DE GUERRA.	87
Capítulo 9: COMO PANURGE ACONSELHA-SE COM PANTAGRUEL PARA SABER SE DEVE SE CASAR.	91
Capítulo 10: COMO PANTAGRUEL DEMONSTRA A PANURGE QUE DIFÍCIL COISA É UM CONSELHO DE CASAMENTO, E AS SORTES HOMÉRICA E VIRGILIANA.	95
Capítulo 11: COMO PANTAGRUEL DEMONSTRA SER A SORTE DOS DADOS, ILÍCITA	101
Capítulo 12: COMO PANTAGRUEL EXPLORA ATRAVÉS DA SORTE VIRGILIANA QUAL SERÁ O CASAMENTO DE PANURGE.	103
Capítulo 13: COMO PANTAGRUEL ACONSELHA PANURGE A PREVER A FELICIDADE OU INFELICIDADE DE SEU CASAMENTO ATRAVÉS DO SONHO.	107
Capítulo 14: O SONHO DE PANURGE E A INTERPRETAÇÃO DESTE	113
Capítulo 15: DESCULPA DE PANURGE E EXPOSIÇÃO DA CABALA MONÁSTICA EM MATÉRIA DE CARNE SALGADA	119
Capítulo 16: COMO PANTAGRUEL ACONSELHA PANURGE A CONFERENCIAR-SE COM UMA SIBILA DE PANZOUST	123
Capítulo 17: COMO PANURGE FALA À SIBILA DE PANZOUST	127
Capítulo 18: COMO PANTAGRUEL E PANURGE EXPÕEM DIVERSAMENTE OS VERSOS DA SIBILA DE PANZOUST	131
Capítulo 19: COMO PANTAGRUEL LOUVA O CONSELHO DOS MUDOS.	135
Capítulo 20: COMO NAZODECABRA PELOS SINAIS RESPONDE A PANURGE. . .	139

Capítulo 21: COMO PANURGE ACONSELHA-SE COM UM VELHO POETA FRANCÊS CHAMADO RAMINAGROBIS	143
Capítulo 22: COMO PANURGE PATROCINA A ORDEM DOS FRADES MENDICANTES.	149
Capítulo 23: COMO PANURGE FAZ DISCURSO PARA RETORNAR A RAMINAGROBIS	153
Capítulo 24: COMO PANURGE ACONSELHA-SE COM EPISTEMON	159
Capítulo 25: COMO PANURGE ACONSELHA-SE COM HER TRIPPA.	163
Capítulo 26: COMO PANURGE ACONSELHA-SE COM FREI JAN DE ENTOMMEURES	171
Capítulo 27: COMO FREI JAN ALEGREMENTE ACONSELHA PANURGE.	175
Capítulo 28: COMO FREI JAN RECONFORTA PANURGE SOBRE A DÚVIDA DA CHIFRADA	179
Capítulo 29: COMO PANTAGRUEL REÚNE UM TEÓLOGO, UM MÉDICO, UM LEGISTA E UM FILÓSOFO PARA A PERPLEXIDADE DE PANURGE	185
Capítulo 30: COMO HYPPOTHADÉE, TEÓLOGO, ACONSELHA A PANURGE QUANTO À EMPRESA DO MATRIMÔNIO	189
Capítulo 31: COMO RONDIBILIS, MÉDICO, ACONSELHA PANURGE.	193
Capítulo 32: COMO RONDIBILIS DECLARA SER A CHIFRADA UM DOS APANÁGIOS NATURAIS DO CASAMENTO	199
Capítulo 33: COMO RONDIBILIS, MÉDICO, DÁ UM REMÉDIO PARA O CORNO	205
Capítulo 34: COMO ÀS MULHERES COSTUMEIRAMENTE APETECEM COISAS PROIBIDAS	209
Capítulo 35: COMO TROUILLOGAN, FILÓSOFO, TRATA A DIFICULDADE DO CASAMENTO	213
Capítulo 36: CONTINUAÇÃO DAS RESPOSTAS DE TROUILLOGAN, FILÓSOFO EFÉTICO E PIRRONIANO	217
Capítulo 37: COMO PANTAGRUEL PERSUADE PANURGE A TOMAR CONSELHO DE QUALQUER LOUCO.	223
Capítulo 38: COMO PANTAGRUEL E PANURGE COMPÕEM UM BRASÃO PARA TRIBOLLET.	227
Capítulo 39: COMO PANTAGRUEL ASSISTE AO JULGAMENTO DO JUIZ BRIDOYE, QUE SENTENCIAVA OS PROCESSOS PELA SORTE DOS DADOS	231
Capítulo 40: COMO BRIDOYE EXPÕE AS CAUSAS PELAS QUAIS INSTRUÍA OS PROCESSOS QUE DECIDIA ATRAVÉS DA SORTE DOS DADOS.	235
Capítulo 41: COMO BRIDOYE NARRA A HISTÓRIA DO	

CONCILIADOR DE PROCESSOS	239
Capítulo 42: COMO NASCEM OS PROCESSOS, E COMO VÊM À PERFEIÇÃO	245
Capítulo 43: COMO PANTAGRUEL DESCULPA BRIDOYE DOS JULGAMENTOS FEITOS COM A SORTE DOS DADOS	251
Capítulo 44: COMO PANTAGRUEL CONTA UMA ESTRANHA ESTÓRIA DE PERPLEXIDADE DO JULGAMENTO HUMANO.	255
Capítulo 45: COMO PANURGE SE ACONSELHA COM TRIBOULLET	259
Capítulo 46: COMO PANTAGRUEL E PANURGE INTERPRETAM DIVERSAMENTE AS PALAVRAS DE TRIBOULLET	263
Capítulo 47: COMO PANTAGRUEL E PANURGE DELIBERAM VISITAR O ORÁCULO DA DIVA GARRAFA	265
Capítulo 48: COMO GARGANTUA DEMONSTRA NÃO SER LÍCITO AOS FILHOS CASAR-SE SEM O SABIDO E O CONSENTIDO DE SEUS PAIS E MÃES	269
Capítulo 49: COMO PANTAGRUEL FEZ OS PREPARATIVOS PARA IR AO MAR, E DA PLANTA CHAMADA PANTAGRUELION	275
Capítulo 50: COMO DEVE SER PREPARADO E EMPREGADO O CÉLEBRE PANTAGRUELION	279
Capítulo 51: PORQUE SE CHAMA PANTAGRUELION E DAS ADMIRÁVEIS VIRTUDES DESTA	283
Capítulo 52: COMO CERTA ESPÉCIE DE PANTAGRUELION NÃO PODE PELO FOGO SER CONSUMIDA	289
COMENTÁRIOS SOBRE A TRADUÇÃO	293

INTRODUÇÃO

VIDA E OBRA DE RABELAIS

Os dados sobre a vida de Rabelais são incertos. Antoine Rabelais, seu pai, era advogado e proprietário de uma casa em Chinon (na rue Lamproie); de uma casa de campo, “La Devinière”, em Seuilly, à qual Rabelais se refere em alguns momentos de sua obra; do castelo ou *maison noble* Chavigny-en-Vaillée em Varenne-sur-Loire; e de diversos campos onde se cultivava cânhamo, planta que no *Terceiro Livro* será descrita com o nome de *Pantagruelion*.

Sabe-se que essas propriedades lhe vieram da parte da esposa, mãe de Rabelais, de família tradicional da região. O casal teve quatro filhos: Janet, Antoine, Françoise e o caçula, François.

Quanto à data de nascimento de Rabelais, há pelo menos duas hipóteses. A primeira diz que o ano provável é o de 1494. Entretanto, um documento encontrado na Igreja Saint-Paul em Paris, e conservado na Biblioteca Histórica da mesma cidade, atesta que Rabelais morreu lá mesmo, em Paris, aos setenta anos de idade, em 9 de abril de 1553, o que desloca o nascimento para 1483. Essa data não condiz, porém, com alguns fatos: Rabelais, numa carta de 4 de março de 1521 ao humanista e eminente helenista Guillaume Budé, qualifica-se como adolescente, empregando para tanto a denominação latina correspondente ao período que vai dos dezessete aos trinta anos de idade. É pouco provável que Rabelais, tendo

nascido em 1483, fosse um *adulescens* em 1521. No entanto, se o ano provável for 1494, o termo aplicar-se-ia sem reservas. O crítico Abel Lefranc tentou deduzir a data de nascimento de Rabelais de pistas fornecidas pelo próprio autor e chegou à conclusão de que Rabelais teria nascido em 4 de fevereiro de 1494.

Nada se sabe de sua infância, embora perto da “Devinière” existisse uma abadia beneditina onde Rabelais pode ter aprendido as primeiras letras.

As referências a Angers, cidade universitária, fazem deduzir que ele ali tenha permanecido entre 1515 e 1518. Será que já então era um noviço?

De certo sabe-se que, aos 28 anos, Rabelais recebera as ordens menores e maiores e tornara-se franciscano pertencente ao monastério dos capuchinhos de Puy-Saint-Martin, perto de Fontenay-le-Comte, em Poitou. Será aí, então, que conhecerá Pierre Amy, helenista e amigo do erudito Budé. Com a amizade Rabelais também inicia seus estudos de grego.

Entre 1520 e 1523, aplica-se a essa tarefa árdua e secreta. Os livros lhe chegam da Itália e são raros e caros. Em 1520 ou 1521, Rabelais ousa escrever ao mais ilustre erudito francês de seu tempo, o já citado Budé, e uma de suas cartas foi conservada até os dias de hoje.

Nessa ocasião também, Rabelais conhece André Tiraqueau, que estará no centro de uma polêmica sobre a questão das mulheres, que refletia a *querelle des femmes* que animava parte do pensamento renascentista, sobretudo a filosofia ligada ao neoplatonismo. Tiraqueau publicará o tratado *De Legibus Connubialibus*, que trata do casamento. Nesse tratado, o autor avança a tese de que as mulheres são inferiores. Recebe de Amaury Bouchard, que toma o partido das mulheres, uma réplica em latim, cujo prefácio é uma carta de Pierre Amy a Tiraqueau. A segunda edição do tratado trará a tréplica. Essa questão e toda a polêmica que levanta servirão de pano de fundo ao dilema de Panurge nesse *Terceiro Livro*, que ora apresentamos. Voltaremos a ela mais adiante.

Rabelais, em sua paixão pelo helenismo, não podia contar com a compreensão ou a condescendência dos franciscanos, que odiavam a cultura intelectual, temiam a volta aos gregos e cultuavam a ignorância “bendita” em nome de uma *simplicitas* que passava por virtude cristã. Em nome de tudo isso e sem contar a inveja intelectual que Rabelais e Amy suscitavam, os capuchinhos confiscaram os livros dos dois amigos e proibiram-nos de continuar os estudos. A Sorbonne, que era a Faculdade de Teologia de Paris, havia decidido proibir os estudos helênicos depois da publicação do comentário de Erasmo ao texto grego do *Evangelho Segundo São Lucas*, e essa língua era vista como um idioma suspeito, que veiculava ciências ocultas, magia e toda a sorte de heresias.

O efeito que essa atitude de prepotência e tirania em nome da “virtude” causou em Rabelais foi indelével, constituindo-se em muito mais do que um atentado à liberdade interior do escritor. Essa proibição foi, para Rabelais, um símbolo da opressão insuportável de tudo o que havia de mais obscuro na herança medieval que ainda sobrevivia na atmosfera dos mosteiros. No *Terceiro Livro*, Rabelais não apenas relembra o episódio quando cita Pierre Amy no capítulo das sortes virgilianas e aconselha-o a fugir das garras dos capuchinhos, como também, sempre que se referir aos franciscanos em sua obra, chamá-los-á de *farfadetz* (capetas) ou fará trocadilhos entre capuchinhos e capetas.

No episódio da proibição, Budé apoia os dois helenistas com suas cartas eloquentes e cheias de fé na vitória final da luz contra as sombras da ignorância e é provável que essas cartas de apoio tenham tido alguma influência sobre Geoffroy d’Estissac, bispo de Maillezais e abade do Convento de Saint-Pierre, pois este ajudou Rabelais a transferir-se dos franciscanos para o convento beneditino de Fontenay-le-Comte e ainda conseguiu a restituição de seus livros confiscados. Pierre Amy foi para o convento dos beneditinos de Saint-Mesmin, perto de Orléans. Foi ainda d’Estissac quem obteve o indulto do papa Clemente IV para que Rabelais pudesse mudar de ordem.

Rabelais liga-se então a Geoffroy d’Estissac como secretário e liberta-se das regras de sua ordem, começando a viajar e a ampliar seus interesses e conhecimentos: Ligugé, Poitou. Começa a frequentar um círculo de pessoas letradas e eruditas. Sabe-se que compõe versos e Marot reconhece-lhe o talento como poeta, embora nenhum de seus bons poemas tenha chegado aos nossos dias.

Em 1528, Rabelais deixa Poitou para ir a Paris, onde se hospeda no Hotel Saint-Denis, na rua Saint-André-des-Arts, onde ficavam os beneditinos. Será em Paris que Rabelais abandonará o hábito e tornar-se-á padre secular. Os motivos, como sempre, permanecem ignorados. Ao deixar Paris, Rabelais viaja pela França, única forma, então, de entrar em contato com os centros culturais representados pelas várias cidades, pois Paris ainda estava longe de ter a importância de capital cultural e intelectual que posteriormente adquiriu, cabendo este posto, na época, a Lyon.

Em 1530, Rabelais matricula-se na Faculdade de Medicina de Montpellier em 17 de setembro; em 1º de novembro, recebe o bacharelado, o que indica que seus conhecimentos em medicina já eram bem sólidos ao matricular-se. No ano seguinte, em seu curso de estágio, comenta os *Aforismas* de Hipócrates e a *Pequena Arte Médica* de Galeno diretamente do grego, para uma plateia entusiasmada. Embora fosse notável seu conhecimento nessa área, será preciso lembrar que a medicina da época não se baseava na observação direta dos fenômenos nem se

ligava à ciência. Era um ramo da filosofia, ou até da filologia, pois se ancorava na decifração dos textos dos Antigos.

Em 1532, Rabelais estabelece-se em Lyon. Em 1º de novembro, será nomeado médico do Hôtel-Dieu de Notre-Dame-de-Pitié, em Pont-du-Rhône, por quarenta libras ao ano, uma quantia bem modesta. Ali, publica as cartas latinas do médico Giovanni Manardi, de Ferrara, dedicando-as a Tiraqueau; os *Aforismas* de Hipócrates, que já havia apresentado em seu curso de medicina, dedicando-os a Geoffroy d'Estissac; e o *Testamento de Cuspadius*, um pastiche do século xv que era tido como um autêntico documento da Antiguidade, dedicando-o a Amaury Bouchard.

Nesse mesmo ano, Rabelais procura fazer um pouco de dinheiro publicando uma narrativa de sua autoria baseada num livrinho que vendia muito: *Les Grandes et inestimables Cronicques du grand et énorme Géant Gargantua, dont il fut vendu plus d'exemplaires en deux mois qu'il ne sera acheté de bibles en neuf ans* (*As Grandes e Inestimáveis Crônicas do Grande e Enorme Gigante Gargantua, das quais foram vendidos mais exemplares em dois meses do que serão compradas bíblias em nove anos*). Em sua estória, inspirada na crônica acima, Rabelais focaliza a vida e as aventuras de um suposto filho do então já popularmente conhecido gigante Gargantua. A esse filho, batiza-o com um nome tirado de um diabrete das peças de Mistério e que representava a personificação da sede: Pantagrue.

Assim é que, em 1532, surge *Pantagrue, Roy des Dipsodes, restitué à son naturel avec ses faits et prouesses espoventables, composéz par feu M. Alcofribas, abstracteur de Quinte Essence* (*Pantagrue, Rei dos Dipsodos, restituído ao natural com seus feitos e proezas espantosos, compostos pelo finado Sr. Alcofribas, abstraidor de Quintessência*), editado por Claude Nourry. Rabelais, cioso de sua reputação como médico e homem de erudição, assina-o com o anagrama Alcofribas Nasier.

Pantagrue, após um nascimento prodigioso e uma infância livre e desmesurada, será educado segundo os princípios básicos da pedagogia humanista defendida por Rabelais, que a expõe sob a forma de uma carta de Gargantua a seu filho. Nesse primeiro livro, Pantagrue conhece Panurge, seu principal companheiro de aventuras, que encarna a personagem mais completamente humana criada por Rabelais.

Pantagrue foi colocado à venda na feira de Lyon em 3 de novembro. O sucesso do livro foi grande e outras reedições foram preparadas, ao mesmo tempo em que crescia o número de edições falsas e distorcidas.

Ainda nesse ano, publica um almanaque popular astrológico de suposta previsão de futuro, parodiando o gênero que tornaria famoso Nostradamus. Seu

título: *Pantagrueline Prognostication pour l'an 1533* (*Prognosticação Pantagruelina para o Ano de 1533*).

Enquanto isso, os teólogos da Sorbonne, chamados no livro de *sorbonagres*, *sorbonicoles*, *papelards*, *cafards*, condenam o livro, obrigando Rabelais a refugiar-se na Itália, junto com o novo protetor e mecenas, Jean du Bellay, que o nomeia seu médico pessoal. Rabelais permanece em Roma de janeiro a abril de 1534. Du Bellay era bispo de Paris e partiu para Roma como enviado do rei Francisco I para interceder junto ao papa pela suspensão da excomunhão de Henrique VIII da Inglaterra.

Em maio de 1534, Rabelais está de volta a Lyon e publica em novembro, para a mesma feira anual, *La Vie très Horrifique du Grand Gargantua, père de Pantagruel, jadis composée par M. Alcofribas abstracteur de Quinte Essence. Livre Plein de Pantagruélisme* (*A Vida mui Horrífica do Grande Gargantua, pai de Pantagruel, outrora composta pelo Sr. Alcofribas, abstraidor de Quintessência. Livro Cheio de Pantagruelismo*). Gargantua era um herói bem conhecido do folclore. O tema gigantesco acompanhava-se de detalhes narrativos que incitavam a imaginação do leitor, sobretudo quanto a volumes, tamanhos e quantidades. Traços bem marcantes do cômico popular foram usados e um notável e bem-sucedido estilo oral, ao qual Rabelais acrescentou inúmeros jogos de palavras. Além disso, o uso de mitos e lendas também servia de recurso para atrair e manter a atenção do leitor.

Quanto à estrutura narrativa, os dois livros são muito semelhantes. Em *Gargantua* também se relata o nascimento, a infância e a educação do gigante, comparando-se os sistemas pedagógicos. O sistema tradicional medieval recebe um tratamento satírico enquanto a educação humanista é enfatizada. Nesse livro, Rabelais também satiriza a sede desmesurada de poder como característica dos *pequenos* homens, em contraposição aos gigantes, no relato da guerra picrocolina, onde o rei Picrocole (do grego, bílis amarga), aconselhado por seu general, Merdaille, quer dominar o mundo. O episódio ecoa uma recordação de sua infância, na “Devinière”, quando Gaucher de Sainte-Marthe procura impedir que a comunidade dos comerciantes do Loire utilize a parte do rio que passa perto de suas terras, estendendo redes de pesca. A família de Rabelais defende a comunidade e ganha. É nesse livro também que surgirá a personagem de frei Jan des Entommeures, que encarnará a bonomia, a simplicidade, a coragem e o gozo dos prazeres simples da vida. Será em sua homenagem que Gargantua manda construir a Abadia de Thélème, o mais célebre símbolo do ideal libertário rabelaisiano, cujo lema é *Fais ce que voudras* (Faça o que quiser) e onde se veda a entrada aos hipócritas, mentirosos, sicofantas, falsos e outros da mesma categoria.

Embora Rabelais procurasse traduzir, em seus dois primeiros livros, uma literatura oral de caráter popular, neles também imprime características marcadamente suas e que crescerão nas obras posteriores: amor pela vida e pelo conhecimento, verve e lirismo verbal. A isso Rabelais acrescenta recordações da infância, lembranças de sua vida, recriando-as em episódios que os ressimbolizam de forma universal, como ilustra o episódio acima relatado.

Em 1535, Rabelais acompanha novamente Jean du Bellay a Roma, onde permanecerá por sete meses. De lá escreve a Geoffroy d'Estissac e dessa correspondência restaram três cartas. Em Roma, Rabelais obtém o perdão papal da apostasia que cometeu por ter abandonado o hábito.

Em 1536, está de volta a Lyon e no ano seguinte retorna a Montpellier, para terminar os últimos cursos. Sendo já um médico célebre, Rabelais é feito doutor em seis semanas. Voltando a Lyon, dá uma lição de anatomia. Uma indiscrição que comete quase o leva preso, por ordem do cardeal de Tournon, pois enviara uma carta à Itália com detalhes que deveriam ter permanecido secretos. Volta, então, a Montpellier para dar um curso sobre os *Prognósticos* de Hipócrates, baseado, como sempre, no original grego.

Em 1538, Rabelais assiste à entrevista entre Francisco I e Carlos V em Aigues-Mortes e volta a Lyon. No fim de 1539, retorna à Itália pela terceira vez e em 1540 está no Piemonte com o irmão mais velho do cardeal Jean du Bellay, Guillaume, que havia sido nomeado governador dessa província. Rabelais instala-se em Torino. Por essa época morre Théodule, um de seus filhos naturais, aos dois anos de idade. Nesse mesmo ano, dois outros filhos, François e a filha Junie, provavelmente nascidos no período em que Rabelais passou em Paris (1527), apresentaram ao papa Paulo III um pedido de legitimação, que foi aceito. A mãe seria uma viúva que Rabelais frequentara e da qual nada se sabe.

Quando Rabelais acompanha de volta seu protetor a Lyon, em 1541, saem as edições corrigidas de *Pantagruel* e *Gargantua*, pelo editor François Juste. Nessas edições, Rabelais substitui todos os *sorbonagres*, *sorbonicoles* e *théologiens* pelo termo genérico *sophistes*. Ao mesmo tempo, seu velho amigo Étienne Dolet reimprime ambos os livros sem as correções e Rabelais fica indignado. Se Rabelais procurava escapar do confronto direto com a Sorbonne, Dolet encaminhava-se para a radicalização e a oposição e, em 1546, seria condenado pelos mesmos teólogos por blasfêmia, sedição e heresia, morrendo enforcado e queimado na praça Maubert em Paris.

Em maio de 1542, Rabelais volta ao Piemonte com o Senhor de Langey,

Guillaume du Bellay, que, ao ficar muito doente, resolve retornar à França, morrendo em 9 de janeiro de 1543. Rabelais comentará essa morte no *Terceiro Livro*.

Em março desse mesmo ano, *Gargantua e Pantagrue* são condenados pela Sorbonne. Geoffroy d'Estissac também morre, mas Rabelais ainda conta com a proteção da família Du Bellay e assim, em 1545, obtém um privilégio do rei para a publicação do seu terceiro livro: *Le Tiers Livre des faits et dicts héroïques du bon Pantagrue*. Composé par M. Fran. Rabelais, Docteur en Médecine (O Terceiro Livro dos Fatos e Ditos Heroicos do Bom Pantagrue. Composto pelo Sr. Fran. Rabelais, Doutor em Medicina), e que, como se vê, traz pela primeira vez o nome de Rabelais e sua profissão. O livro é publicado em 1546 e é dedicado à rainha Marguerite de Navarra, mas é mesmo assim condenado imediatamente pela Sorbonne. Rabelais foge para Metz e precisa de dinheiro. Recorre à ajuda de Jean du Bellay, que, nomeado pelo novo rei Henrique II para a superintendência dos negócios da França na Itália, acaba levando-o de novo para Roma em 1547, onde permanecerão por dois anos.

Em 1548, é publicada em Lyon uma versão parcial do *Quarto Livro*, um prólogo e onze capítulos. Teria sido a necessidade de dinheiro que o levava a publicar o manuscrito incompleto? Em fevereiro de 1552, aparece a versão integral do *Quarto Livro des faits et dicts héroïques du bon Pantagrue*. Composé par M. François Rabelais, Docteur en Médecine (O Quarto Livro dos Fatos e Ditos Heroicos do Bom Pantagrue. Composto pelo Sr. François Rabelais, Doutor em Medicina). Nele, Panurge, que não havia conseguido uma resposta satisfatória à dúvida se devia casar-se ou não, argumento do *Terceiro Livro* (ver nosso comentário a seguir), deposita suas últimas esperanças na consulta ao oráculo da Diva Garrafa (La Dive Bouteille), na China.

Parodiando a literatura dos relatos de viagem, sobretudo o *Bref Récit* de Jacques Cartier, o *Quarto Livro* conta as aventuras de Pantagrue e seus amigos nos contatos com países distantes e povos desconhecidos até que cheguem às terras onde habita a Diva Garrafa. As escalas de ilha em ilha durante a longa viagem formam um painel vigoroso da melhor sátira rabelaisiana, descrevendo os fanáticos Papímanos (*Papimanes*) e seus contrários, os Papafigas (*Papefigues*), que ao verem o papa fizeram figa; os Chicanudos (*Chicanous*) que habitam a Ilha de Procuração; ou os Salsichonas (*Andouilles*) que entram em guerra contra os Cozinheiros e cuja rainha se chama Niphleseth, segundo o próprio Rabelais, “membro viril, em hebraico”.

É no *Quarto Livro* que se encontra também o belo episódio das “palavras geladas” que se descongelam em sons à medida que passa o navio de Pantagrue, num trecho repleto de simbolismos.

Já estamos bem longe aqui do carnavalesco e do recurso ao cômico como espírito regenerador do qual fala Mikhail Bakhtin¹. Desde o *Terceiro Livro*, vê-se uma crescente preocupação filosófica e ética cuja interpretação deriva diretamente do programa humanista de Rabelais e que pode definir-se por seu conceito de Pantagruelismo: captar a vida em todos os seus aspectos, por mais contraditórios que sejam; apreendê-la simultaneamente através dos sentidos e da alma; experimentar-la em sua plenitude².

Ao escrever o *Quarto Livro*, Rabelais não temia diretamente a Sorbonne, pois Henrique II acabava de lançar um edito proibindo que se desse dinheiro à Santa Sé; porém, em 1552, quando da publicação da obra, as pazes entre o rei e o papa já haviam sido feitas e o livro foi censurado pela Sorbonne. Como resultado, Rabelais é encarcerado em Lyon. Para um espírito que pregava a tolerância, Rabelais deve ter sofrido um duro golpe. Era atacado tanto por católicos quanto por reformistas. Gabriel de Puy-Herbault, monge de Fontevrault, condená-lo-ia em *Theotimus* (1549), e Calvino em *De Scandalis* (1550).

O que aconteceu depois a Rabelais é ignorado. Sabe-se que pediu demissão dos dois postos onde exercia a medicina: Meudon e Saint-Christophe-du-Jambet, perto de Mans. Pode ser que tenha morrido em Paris, três meses depois, talvez em 9 de abril de 1553, segundo o polêmico epitáfio encontrado naquela cidade.

Nove anos depois, é publicada uma continuação do *Quarto Livro*, na forma de dezesseis capítulos e com o nome de *L'Isle Sonante (A Ilha Sonora)*.

Em 1564, sai o volume completo do *Cinquiesme et dernier Livre des faits et dicts héroïques du bon Pantagruel (Quinto e Último Livro dos Feitos e Ditos Heroicos do Bom Pantagruel)*, em que os onze capítulos de *L'Isle Sonante* aparecem modificados.

Na Bibliothèque Nationale de Paris, entretanto, há um manuscrito sem data que difere de ambas as versões publicadas.

Jacques Boulenger³ diz a esse respeito: “Nossa convicção é que os dezessete primeiros capítulos de *L'Isle Sonante* representam o que Rabelais havia deixado mais ou menos acabado. O resto, que se compõe em parte de tradução, é certamente dele, quanto à invenção do assunto, mas não representa seu estilo”.

De sua invenção, entretanto, surge a resposta do oráculo da Diva Garrafa

1 Em seu já clássico livro, *L'Oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au moyen âge et sous la renaissance*, Paris, Gallimard, 1970.

2 Ver a esse respeito o ensaio de Erich Auerbach, “O Mundo na Boca de Pantagruel”, *Mimesis*, São Paulo, Perspectiva, 1976.

3 Ver sua introdução às *Oeuvres complètes de Rabelais*, Paris, Gallimard, 1955, Bibliothèque de la Pléiade.

a Panurge, resumida numa simples palavra: *Trinch*, beba! Ecoando Horácio, no *carpe diem*, Rabelais deixa a seus leitores o mais cristalino oráculo e coloca em suas mãos a mais difícil das escolhas.

RABELAIS E SUA ÉPOCA

Por ter nascido no século XVI, não se pode inferir que Rabelais tenha vivido na França a experiência de um Renascimento. Propriamente falando, a cultura que floresceu na Itália a partir do Trecento, fomentando a ideia de um ressurgimento do interesse pela cultura antiga, sobretudo grega, encontraria a França ainda mergulhada num ensimesmamento que alguns preferem chamar de “Idade das Trevas”. Porém a continuidade do real não se deixa dividir de maneira tão clara, e, se a Itália conheceu vários renascimentos, não viveu a França até então na obscuridade, embora a ideia de uma “Renascença” francesa seja discutível. “A ideia de que a França, a Espanha, a Alemanha etc. conheceram também um ‘renascimento’ deve ser rejeitada. O que é verdadeiro é que esses países sofreram uma ou várias ondas de ‘italianismo’, que é a forma da Renascença italiana para exportação”, diz Curtius⁴ numa análise sobre o período.

O ambiente na Itália no século XVI é o do desenvolvimento pleno. Leonardo, Michelangelo e Rafael nas artes; Ficino e Pomponazzi na filosofia; Maquiavel, Ariosto, Tasso na literatura; Castiglione no desenvolvimento das maneiras e do trato social.

O século XVI na França, entretanto, está longe do refinamento e das maneiras propostas por este último em seu *Libro del Cortegiano*: “à mesa, segura-se a carne com os dedos; a faca na mão é espetada nas rodela de pão, chamadas *trancoirs*. Somente os grandes senhores possuem um garfo e sabem, às vezes, como usá-lo”⁵.

A corte de Francisco I é itinerante. Em visita ao rei em Ardres, Henrique VIII da Inglaterra, em meio às quatrocentas tendas douradas e prateadas, concertos e banquetes, convida o rei da França para lutar. Em segundos rolam os dois pelo chão, vestidos de veludo, seda e diamantes.

A vida cultural é assim descrita por Glaréan numa carta a Erasmo de 1517:

4 E. R. Curtius, *La Littérature européenne et le moyen âge latin*, Paris, Agora, 1956, p. 71. Trad. brasileira: *Literatura Européia e Idade Média Latina*, São Paulo, Edusp/Hucitec, 1996.

5 Ver M. Diéguez, *Rabelais*, Paris, Seuil, 1960, pp. 6 e ss.

Eu que vim a Paris para ensinar grego, qual não foi minha desilusão! Não há ninguém por aqui que explique, no ensino público ou privado, um autor grego importante, ao menos que eu saiba. As inumeráveis cortes de sofistas impedem qualquer progresso. Recentemente, assisti a uma disputa na Sorbonne, onde ouvi aplausos entusiasmados, como se estivéssemos num teatro de Pompeia. Tratava-se de uma disputa imponente *de lana caprina*. Não era pouco o ódio que se tinha de Adão, nosso primeiro pai, porque não tinha comido pera ao invés de maçã, e todos esses homens sérios continham com grande esforço a expressão violenta de sua indignação. Sim, e havia aproximadamente dois séculos que Petrarca tinha escrito: “Por que trabalhar sem cessar no vazio, ó infelizes, e exercer vosso espírito com vãs sutilezas? Por que esquecer a realidade das coisas para envelhecer entre as palavras e, com os cabelos brancos e a testa enrugada, ocupar-vos sempre de puerilidades”⁶.

Rabelais insurgiu-se naturalmente contra esse espírito que já Glaréan chama de sofista. “A ‘barbárie gótica’ tão detestada por Rabelais [...] é uma velharia que estorva e da qual quer se desembaraçar para voltar aos Antigos, eternamente jovens porque eternamente humanos, e com eles fazer algo novo”, escreve Gilson⁷.

Entretanto, a visão que nosso século tem dessa época tende a considerar o Renascimento como algo resultante tanto da volta à Antiguidade clássica, sobretudo à cultura grega, quanto da continuidade do humanismo medieval, que havia preservado bem a cultura latina. Rabelais exemplifica as duas vertentes, conservando em suas obras as formas de literatura orais da tradição medieval, bem como farsas e paródias, e ao mesmo tempo voltando-se para os Antigos como fundamento de um novo homem.

O século em que viveu Rabelais não só conheceu mudanças profundas que abalaram o arcabouço teológico e filosófico do passado hegemônico do Catolicismo com a Reforma, como também vivenciou o progresso da ciência e o alargamento do mundo físico, através das descobertas de novas terras e novos povos. Serão esses os dados que farão de Rabelais um escritor moderno. Ele procurará fazer uma síntese do homem universal, aliando-o à Natureza e ao Conhecimento, implicando-o em novas relações com o Saber e a Tecnologia. Seu humanismo transparece na confiança e no otimismo que depois deposita na realização dessa aliança como impulso para a liberdade humana. Para isso, vai buscar na Antiguidade a *experiência* por ela acumulada sob a forma de *sabedoria*, pois esse é

6 Ver Diéguez, *op. cit.*, pp. 9-II. Uma disputa *de lana caprina*: discussão a respeito de coisas sem importância.

7 Étienne Gilson, *Humanisme et renaissance*, Paris, Vrin, 1986 (reimpr. de 1955), p. 173.